

Palestra:

A sustentabilidade das manifestações folclóricas nas cartas de Renato Almeida

Professora Sara Regina Poyares dos Reis
(Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina)

Ano passado, em conversas com o Professor Nereu do Vale Pereira no IHGSC, falou-me ele que, em outubro de 2013, teríamos o Congresso Nacional de Folclore em Florianópolis.

Sabedor ele das relações de amizade de Oswaldo Cabral (meu tio) e Renato Almeida, e mesmo o fato de ter eu conhecido pessoalmente Dr. Renato (embora fosse eu ainda muito jovem para ter profundas lembranças), perguntou-me, o professor Nereu, se eu não faria um trabalho sobre Renato Almeida para apresentar neste Congresso e tendo por referências de consultas de uma coleção de cartas de idas e vindas entre ele e o meu tio Oswaldo Cabral. Embora sabedora da responsabilidade, aceitei fazer o trabalho e aqui estou para lhes falar desse incrível baiano que não deixou se perder o folclore brasileiro.

Renato Almeida nasceu em 6 de dezembro de 1875, em Santo Antônio de Jesus, na Bahia. Muito jovem foi para o Rio de Janeiro, onde formou em Direito em 1915. Também se iniciou no jornalismo, trabalhando nos jornais “Monitor Mercantil” e “América Brasileira”, nesse último como redator chefe. Em 1926, Renato foi nomeado diretor do “Lycée Français” (hoje Colégio Franco Brasileiro). Nesta mesma época ingressou no Ministério das Relações Exteriores, lá chefiando o “Serviço de Documentação do Itamaraty”, tendo representado o mesmo em inúmeras missões no exterior.

Foi naturalmente o fato de estar ligado à diplomacia, bem como seu otimismo e desenvoltura no meio cultural e diplomático, que deu a Renato Almeida a chance de criar em 1947, a Comissão Nacional de Folclore dentro do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura” – IBCEC, contato nacional com a UNESCO.

Renato Almeida, entre 1947 e 1960, promoveu várias “Semanas do Folclore” em diversos estados brasileiros, inclusive em Santa Catarina. Foi membro de várias associações culturais brasileiras e estrangeiras. Nomeado diretor Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, promoveu pesquisas em todo o país.

Dentre várias de suas publicações podemos citar:

- História da Música Brasileira.
- Compêndio de História da Música Brasileira.
- O Folclore na Poesia e na Simbólica do Direito (publicado nos EEUU, em 1960, em Miami);
- Tablado do Folclore.
- O IBCEC e os Estudo de Folclore no Brasil.
- Manual de Coleta Folclórica.
- Danses Africaines em Amérique Latine.
- Vivência e Projeção do Folclore.

Musicólogo de “mão cheia” (foi membro efetivo do Conselho Superior de Música Popular Brasileira do MIS a partir de 1966), folclorista fanático, jornalista e diplomata, Renato

Almeida viveu bastante para quem vivia se queixando da saúde em cartas para o amigo Oswaldo Cabral. Faleceu no Rio de Janeiro em 1981.

Mas para falar de Renato Almeida, temos que nos dedicar um pouco a entender o surgimento da Comissão Nacional de Folclore. No livro editado em comemoração aos 50 anos da Comissão Nacional, publicado em 1998, podemos verificar os acontecimentos da “explosão” do folclore, do gosto pela cultura popular e pelo estudo das sociedades.

A Comissão Nacional de Folclore foi, por certo, uma resposta ou uma consequência, embora tardia, ao apelo daqueles que fizeram a Semana de Arte Moderna de 1922, no sentido do País mostrar e redimensionar a cultura brasileira.

Em 1896, havia sido já criada, na Europa, a “Sociedade Suíça de Tradições Populares”, a qual serviu de base aos primeiros projetos de Afrânio Peixoto na área do folclore. Após 1922, Amadeu Amaral criou no Rio de Janeiro uma associação voltada à pesquisa do nosso folclore. Dela participaram, entre outros, Mário Andrade, Marisa Lira e Renato Almeida. Muitos dos membros dessa associação; depois do seu fim, vão fazer parte do grupo que posteriormente vai criar a Comissão Nacional de Folclore, tendo à frente Renato Almeida.

Em 1941, em Natal, Rio Grande do Norte, Luis da Câmara Cascudo (1898-1986) havia fundado a “Sociedade Brasileira de Folclore” que, apesar de sua simplicidade e falta de recursos, conseguiu reunir documentos preciosos dos costumes do norte e do nordeste, graças aos contatos de Cascudo com mestres do exterior, que lhe auxiliaram na metodologia das pesquisas, e em aspectos sociais antes não levados em conta. Esta sociedade do mestre Câmara Cascudo só acabou com a morte de seu criador em 1986.

Quanto à Comissão Nacional de Folclore, graças ao carisma de Renato Almeida e sua ligação com o Ministério das Relações Exteriores e UNESCO, teve sorte de se expandir por muitos estados brasileiros.

Em 19 de dezembro de 1947, a Comissão Nacional de Folclore foi solenemente instalada pelo Dr. Levy Carneiro, presidente do IBECC, tendo a direção de Renato Almeida. A sede passou a ser no Palácio Itamaraty, no Rio de Janeiro. Dentre seus primeiros membros estavam, Cecília Meirelles, Câmara Cascudo, Edison Carneiro, Florestam Fernandes, Gilberto Freire, Roger Bastide, Pierre Verger, além de Renato Almeida. Era uma elite de peso.

É nessa época que há uma maior amizade (já anterior) entre Renato Almeida e Oswaldo Rodrigues Cabral. Abro aqui um parêntese, para explicar que, no momento, estou realizando um trabalho com base na correspondência recebida por meu tio, Oswaldo Cabral, na década de 1920 até a de 1970. Dentre essa imensa correspondência, muita vinha de Renato Almeida. Vou usar aqui apenas parte dela, pois não posso adiantar meu futuro livro, mesmo porque, partes dessas cartas são mais íntimas e muitas sem focar em folclore, se bem que Renato Almeida era ele próprio, um homem folclórico.

Fecho os parênteses e passo a falar sobre a criação da Sub Comissão Catarinense de Folclore, instalada numa sala onde funcionava a Faculdade de Direito, a 7 de outubro de 1948, numa das sessões do I Congresso Catarinense de História, que se realizava em Florianópolis e do qual participavam ilustres nomes da cultura brasileira e internacional. Na secretaria geral da Sub Comissão ficou Oswaldo Cabral e na sub secretaria, Almiro Caldeira de Andrade.

A Sub Comissão de Folclore foi muito auxiliada pelo IHGSC, sob a presidência do Desembargador Henrique da Silva Fontes, que fornecia material de expediente e presenteou o novo grupo com gravador, à época, comprado nos Estados Unidos. Também o Departamento Estadual de Estatística, sob a direção do Dr. Roberto Lacerda, ofereceu uma sala de sua

biblioteca para lá poderem se reunir os novos folcloristas, num total de 28 membros. A Sub Comissão Catarinense de Folclore também tinha os Correspondentes Municipais.

Mais ou menos nessa época, passaram a fazer parte da Comissão Nacional por Santa Catarina, Oswaldo Cabral e Walter Fernando Piazza.

Em correspondência de 24 de janeiro de 1949, Renato Almeida acusa o recebimento de carta de Oswaldo Cabral, na qual este comunica a instalação da subcomissão catarinense. Renato solicita o nome e endereço de todos os “companheiros dessa Sub Comissão,” e apresenta os cumprimentos protocolares.

Outra carta, datada de 6 de abril de 1949, fala sobre o encontro no Congresso da Bahia; Renato comenta sobre os agradáveis dias baianos de 49 e diz não esquecer as anedotas contadas por Cabral. Comenta ainda sobre a criação de um “Museu Folclórico”; fala no calendário folclórico para ser criado, envolvendo Professores, intendentess e outros informantes de cada Estado. Reclama também que Oswaldo Cabral esqueceu de autografar o livro “Santa Catarina” (Ed. Brasileira) que lhe deu.

Do mês seguinte (maio) há uma carta datada do dia 13, “dia da liberdade e da 1ª Presidência de Nereu Ramos”. Chama o Departamento de Estatística de *sil charmant* (Renato usava frequentemente termos franceses). Estava escrevendo seu livro sobre “Folclore Brasileiro” para apresentar em Paris.

Diz Renato Almeida, estar tudo, conforme a “doutrina lusa, de que o trabalho enobrece, mas prurem (sic) fátiga!”. Comenta e reclama, “sempre da saúde”; diz ter procurado o médico para ver este velho coração com taquicardia de amor e a propriamente dita”.

Quer saber sobre o “boi de mamão”. A seguir vem com piadas (sempre) no meio da carta. Como o folclore tem variantes, tem piada: do sujeito que, em Belém, se fantasiou de Bacuri, pondo, na traseira, de um lado BA e do outro RI. A polícia prendeu! Era assim Renato Almeida!

Em 31 de maio de 49, Renato comenta que tendo chegado de São Paulo onde havia feito uma conferência no “Centro de Pesquisas Folclóricas Mário Andrade”, recebera uma carta de Cabral com o convite da Sub Comissão Catarinense para uma visita sua a Florianópolis. Disse ter ficado muito feliz e que iria aproveitar para “enriquecer seu anedotário”. Também conta para Cabral que os estudantes da faculdade de arquitetura da USP haviam constituído seu “centro folclórico”.

O primeiro Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, saiu em setembro de 1949. Já anunciava que, na 1ª quinzena de outubro, o Dr. Renato Almeida secretário geral da Comissão Nacional de Folclore estaria visitando Santa Catarina.

Viria a convite de Associações culturais como a Sub Comissão Catarinense, a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, presididas à época por Oswaldo Cabral, Othon da Gama D’Eça e Desembargador Henrique da Silva Fontes, respectivamente.

Na Capital catarinense, o Dr. Renato iria realizar duas conferências e haveria mostrass folclóricas, desde o “boi de mamão”, Pau-de-fita, Cupido e até rodas infantis. As apresentações seriam no Lira Tênis Clube, colocado à disposição da Sub Comissão pelo seu presidente o Deputado Oswaldo Bulcão Viana

Não se poderá esquecer que a Sub Comissão Catarinense de Folclore foi uma solicitação de Renato Almeida feita ao Desembargador Fontes e Oswaldo Cabral quando do 1 Congresso Catarinense de História.

Assim, pode-se dizer que Renato Almeida foi a “grande luz” na preservação do nosso folclore. Quando da instalação da nossa sub-comissão, participaram Dante Laytano e Walter Spalding da sub-comissão do Tio Grande do Sul; Oscar Martins Gomes, Fernando Correa de Azevedo e Oswaldo Pilotto, do Paraná; além de Renato Almeida.

Voltando à visita de Renato Almeida a Florianópolis, foi ela organizada de forma que o ilustre visitante tivesse uma razoável noção daquilo que aqui se desenvolvia. No discurso do Presidente da Academia Catarinense de Letras, um dos maiores intelectuais do nosso Estado até os dias presentes, Othon da Gama d’Éça, disse que tal ocasião trazia a A.C.L. novamente ao trabalho, que “circunstâncias imponderáveis” haviam impedido seu laborioso papel no movimento cultural de Santa Catarina.

Já no Lira Tênis Clube as apresentações foram inúmeras, tais como a “dança do pezinho”, levada a efeito por alunos do Grupo Escolar Lauro Muller. No final apresentou-se a Orquestra Juvenil de Florianópolis que executou a hoje desconhecida “Rapsódia Catarinense” de autoria do saudoso Álvaro de Souza, e sob a regência do Maestro Emanuel Peluso.

As duas conferências trataram de dois temas dos quais Renato era mestre: a primeira conferência foi sobre “Nacionalismo na música Brasileira”, onde citou a música “A Sertaneja”, do compositor paranaense Basílio Itiberê da Cunha, como a primeira manifestação do nosso nacionalismo na Música.

Na segunda conferência, sobre folclore e educação realizada na Faculdade de Direito, contou com a presença do Governador Irineu Bornhausen. Também houve um encontro entre Renato e o grupo do “Círculo de Arte Moderna”, que geralmente se reunia no Clube XII de Agosto, mas, que dessa vez, fizera a reunião no “Instituto de Educação Dias Velho” onde, após uma palestra de Renato, houve discussões sobre o tema da mesma. Foi um sucesso a visita, conforme dirá mais além o próprio Renato.

Em 03 de março de 1950, Cabral recebe uma carta de Renato, que diz não estar bem e que achava as cartas de Cabral muito pessimistas. (Cabral estava com medo da sub comissão não poder manter o Boletim). Diz Renato: “Seria muito melancólico ver a morte de uma publicação que está servindo de modelo e é das mais belas iniciativas que medram no movimento folclórico.” Comenta também, Renato, que recebera a visita dos “muchachos” do Grêmio de Arte Moderna.

Diz que depois de voltar de Florianópolis “muita coisa de desagradável me envenenou a vida”. No final da carta diz para Cabral: “Não esmoreça em você o amor febril ao nosso folclore, onde você entrou e foi logo roubando o show”. “Mando recomendações à esposa e dê um beijo na encantadora garota”, que por acaso era eu.

E agora entrei um pouco na área que me diz respeito. Quero registrar aqui meu imenso carinho por Renato Almeida, o *Tio Renato*, que me trouxe dos Estados Unidos a minha primeira “sapatilha de ponta”, cor de rosa, que guardo até hoje numa caixa. A bailarina nem chegou a aparecer, mas a sapatilha está guardada até hoje com imensa saudade.

De 02 de abril de 1950, numa carta extensa, Renato comenta sobre política, folclore (óbvio), congresso e no final, apresenta o Renato brincalhão, gozador:

O grupo moderno publicou num jornal uma entrevista comigo. A o recebê-la, uma admiradora minha (isso é para lhe meter inveja) me pediu. E zás, perdeu. Quando peço, desconversa. Veja se consegue com eles um outro exemplar, porque nem cheguei a ler. Habitado a não negar nada às senhoras, que havia, Deus meu, de fazer. ...Bom, meu querido Cabral, estou muito triste porque os portugueses não vêm ao Brasil para a Copa do Mudo. Você já pensou quanta

anedota vai se perder? ”Recomende-me a sua senhora e um beijo na garotinha encantadora.”

Mais alguns dias e outra carta, onde no meio de tudo vem essa: “Um indivíduo viu passar uma linda menina de lindas pernas. Exclamou embevecido: os trilhos são lindos; como será a estação?”.

Esse era Renato Almeida, sempre com muito bom humor, mesmo se falasse em doenças.

Em 12 de julho de 1950, Renato lastima não poder voltar em Cabral para Deputado,.

No Boletim Trimestral Nº 4, de junho de 1950, foram publicadas algumas recomendações de Renato Almeida. Diz ele que, quando esteve em Florianópolis, se encantou com a orquestra que acompanhava o “boi de mamão”, com *os trêmolos* finais quando a música ia esmorecendo como se estivesse se afastando. Isso era, até então, inédito para ele. Parece que tal música foi gravada, mas não posso hoje afirmar se ainda existe tal gravação. Renato elogia muito o Boletim, até então único no seu gênero no Brasil.

Diz que os estudos folclóricos são trabalhos de equipe e nunca isolados. Deve-se caracterizar os estudos morfológicos, linguísticos e musicais, e suas afinidades com o folclore açoriano. No momento, nesse começo de estudos, o que se precisa é de material, de levantamentos, coletas e não ainda de conclusões. Isso só será possível mais tarde.

Estamos no começo dos estudos e é cedo para conclusões, diz Renato, que defende, ainda, a criação da cadeira de Folclore nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e criação de Museus Escolares.

É necessário salvar o que for possível, pois muita coisa já se perdeu. Folclore, segundo Renato, não é literatura – é ciência social, parte da etnografia. Precisa ser tratado cientificamente. É ciência - não é novela!

Em agosto de 1951, aconteceu o 1º Congresso Brasileiro de Folclore no Rio de Janeiro com membros do Brasil inteiro, menos de Goiás e Mato Grosso; foi um grande sucesso. De 21 a 31 de agosto reuniu-se no Rio de Janeiro, “crème de la crème” (com bem diria Renato) do folclore do Brasil.

A delegação catarinense no referido congresso foi composta pelos seguintes associados: Deputado Oswaldo Cabral, Prof. Custódio Campos, Jornalista Walter Piazza, Oswaldo Melo Filho. No Rio esperaram para integrá-la o Almirante Lucas Alexandre Boiteux e o Prof. Vitor Antônio Peluzzo Junior. Cabral, na abertura do Congresso, falou em nome dos demais congressistas, agradecendo a saudação do Dr. João Neves da Fontoura, Ministro das Relações Exteriores.

Desse congresso resultou a primeira CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO, cujo item 1 do 1º capítulo diz:

O primeiro Congresso Brasileiro de Folclore reconhece o estudo do Folclore como integrante das ciências antropológicas e culturais, condena o preconceito de só considerar o folclore o fato espiritual e aconselha o estudo da vida popular em toda a sua plenitude, quer no aspecto material, que no aspecto espiritual.

Em 1951, no final do ano Renato Almeida cria o “Plano Nacional de Pesquisa Folclórica” que, de certa forma, completava o que Renato já havia exposto em Florianópolis. Como fazer as pesquisas, os levantamentos, as entrevistas, etc. Era a metodologia da pesquisa do folclore.

Todos os estados brasileiros fizeram o possível para seguir tais orientações. O que sempre complicava (até hoje, diga-se) é a falta de interessados estudiosos e verbas pra os trabalhos de pesquisas.

Em Setembro de 1952, Cabral escreveu a Renato, dizendo estar pensando em deixar a Sub- Comissão e, pelo “andar da carruagem”, e que se conclui da carta, era por problemas políticos. Em 28 de outubro, Renato responde a Cabral e lhe pede que não deixe a comissão:

Ninguém sabe como eu, nem como você mesmo, o que significa o seu trabalho folclórico. Em todo o Brasil, até mesmo em Portugal, ele tem tido uma repercussão formidável, criadora, de tal sorte que sua ausência representaria um déficit tremendo que tenho medo de enfrentar.

Muita correspondência guardo de Renato Almeida, mas me dou o direito de guardá-la para meu futuro livro. No coração, guardo o “tio carinhoso”, que me deu as minhas sapatilhas de ballet cor-de-rosa e que nunca me esquecia em suas cartas a meu tio Oswaldo Cabral.

Personalidade singular, agitado, incansável, persistente, Renato Almeida sabia atingir seus objetivos. Descobriu muitos valores novos entre o pessoal mais jovem e os encaminhou para as pesquisas. Almeida nasceu para “descoberta” de coisas e pessoas. Seus amigos lhe foram fieis e essas amizades resistiram ao tempo.

Com a morte de Renato Almeida em 25 de janeiro de 1981, o Brasil ficou mais pobre de cultura. A Comissão Nacional de Folclore entrou em recesso sem o seu chefe máximo..

Mais tarde assumiu o posto Manuel Diégues Junior e como vice, Bráulio Nascimento,.

Após a renúncia de Diégues Junior, foi para a presidência Ático Vilas Boas da Mota.

Em 1990 o nome da comissão mudou para “Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular”, agora vinculado ao IPHAN.

Em 1995 o VIII Congresso Brasileiro de Folclore em Salvador foi dedicado à memória de Renato Almeida, no centenário de seu nascimento.

Eu encerraria estas minhas palavras, usando as belíssimas frases de Othon da Gama d’Eça, naquele antigo discurso, em Florianópolis, saudando Renato Almeida:

As ressonâncias do seu trabalho e da sua obra já atravessaram o grande mar e se fizeram ouvir nos países de mais clara e luminosa cultura do velho mundo europeu

Intelectual para quem o pensamento vale pelas possibilidades de criação que ele contém, o Sr. Renato Almeida jamais trocava a sua primogenitura ideal pelas falsas lentilhas de filosofias estáticas e esquematizadoras.

Homem de sentimentos dedicados que encontra, nas melodias anônimas do folclore, o encanto e a doçura de que precisa a sua alma para poder resistir sem esforços desesperados as asperezas do momento contemporâneo. A arte, para ele, embora o realismo em que tenha de ser vazada deve ser um instrumento do espírito a serviço da emoção.

E emoção e ideal, foi o que nunca faltou para Renato Almeida.

Muito obrigada!